

Bom dia a todas e todos,

Eu nom vou entrar na caracterizaçom da **crise** mui afundo porque há muitas análises sobre o tema, acessíveis para todas na Internet. Eu penso que o Foro deve servir para pôr em comunicaçom diferentes movimentos sociais que se estão a rebelar contra a ordem social estabelecida, tanto para reflexionar como para por-nos em açom. Por isso nos puxemos em contacto os colectivos de Lugo que, ainda que desde diferentes perspectivas, temos muito que trabalhar no nosso contorno mais próximo e nesse trabalho temos pontos nos quais podemos lutar em conjunto.

A respeito da crise só dizer que joga o mesmo papel que as revoluçons liberais, é dizer, servem para consolidar o poder de classe, acentuar o processo de redistribuiçom da base às elites e da periferia ao centro. O transvase de dinheiro público às empresas responsáveis das crises, despedidos, congelaçom de salários, apropriaçom de activos polos possuidores de liquidez (capitalistas), etc. O que quero dizer é que a crise, inerente ao sistema, nom é de por si um elemento transformador, senom que depende da capacidade dos movimentos sociais para conseguir canalizar todo o descontento gerado e mudar a sociedade, para melhor ou para pior. (só temos que ver os resultados da última crise), eu penso que desta crise o capitalismo vai sair reforçado (a receita para a crise é mais liberalismo).

Porém o sistema económico nom é um sistema isolado, senom que é um subsistema interconectado com o político e à sua vez pertencentes ao social, temos que compreender que sem sociedade nom há economia o que chama a umha mudança de perspectiva porque fazemos parte do MUNDO e se pensamos no planeta é completamente preciso questionar o **produtivismo** e o **crecimento económico**.

Nos últimos anos, tanto na Galiza, como no mundo, estão-se a construir novas alternativas que supõem um verdadeiro desafio á totalidade do sistema. Estas alternativas pretendem rachar com o fundo e com as formas de participar na política.

Eu vou apontar mui brevemente alguns dos sistemas de poder aos que se lhes está a fazer frente desde distintos movimentos sociais: questionamento do individualismo, questionamento da democracia liberal, contra o imperialismo, luta anti-patriarcal e luta pola defesa da terra e pola soberania alimentar.

Gostaria de ressaltar que toda proposta está inacabada, em construçom. Penso que nom plantearíamos nengum desafio ao modelo actual se chegamos aqui com a proposta dum modelo fechado. É fundamental manter umha atitude aberta para irmos incorporando a luitas e críticas. Nós somos reprodutoras de valores culturais, devemos ser capazes de re-pensar-nos e auto-criticar-nos se queremos superar dinâmicas totalizadoras que nos acompanham desde pequenas.

Por isso vou começar dizendo que o primeiro muro que devemos derrubar é o **INDIVIDUALISMO**: Havemos de pensar o individualismo como parte dessa superestrutura ideológica, é dizer, pensar-

nos como indivíduos e não como comunidade é a filosofia moral em que se legitima e sobre a que se ergue o sistema. Penso que para trabalhar no político ou no social temos que mudar as nossas atitudes como passo prévio à criação de alternativas. Nós mesmas somos o sustento do sistema. Umha questão imediata à que nos temos que enfrentar dia a dia no trabalho social e político é à atomização radical da sociedade, ao extremo isolamento dos indivíduos e ao feroz egocentrismo das pessoas.

Na Galiza, ao sermos umha periferia próxima, achamos a contradição de recebermos imigrantes e expulsar gran quantidade de emigrantes, estes últimos emigram empurrados pola incapacidade de atingir na Galiza as expectativas geradas pola sociedade capitalista. Esta constante procura de ascenso social, na qual estarás mais perto da cúspide quanto mais perto do centro do sistema vivas, quantas amizades temos que moram em Madrid, Barcelona, Londres? Não sofrem a exploração nestes lugares como a sofreriam na Galiza? Muita da emigração galega responde a esta filosofia individualista, é dizer, umha resposta individual a um problema social. (nem que dizer tem que a emigração é provocada por que ao não se arraigar a nenhum território concreto gera um desapego que impossibilita a auto-organização e a formação de vínculos fortes, dumha rede social)

(para o debate: Devemos pensar no capitalismo em nós mesmas, no nosso contexto mais imediato e fazer-lhe frente, faz parte de nós. Por isso é difícil de assumir porque implica que **devemos renunciar a muitas cousas**, mas não só renunciar senão também abrir-nos a muitas outras. Liberar-nos de abstrações que nos limitam à hora de podermos actuar e realizar acções que suponham umha mudança significativa da nossa realidade)

Segunda luta que me gostaria ressaltar é contra a crescente **REPRESSÃO e este modelo de DEMOCRACIA (a liberal)**: a actual democracia baseia-se nesse individualismo, filha das revoluções burguesas e da Ilustração. Outra questão chave é pensar numha radicalização da democracia, não podemos pensa-la como a conquista duns direitos universais e assegurar a capacidade de voto. Há que aprofundar na prática da democracia, radicalizar os seus pressupostos e fazê-la real para todas, é dizer, inverter a tendência actual de redução da democracia a um acto eleitoral e a repressão de todas as vozes dissidentes que questionam os valores hegemónicos. Tanto no Estado espanhol, como na Galiza temos exemplos claros na Lei de partidos que limita a participação na vida política a grupos com reclamações legítimas, mas ilegais. E aqui na Galiza sabemos da constante repressão da que é objecto o **independentismo** galego, sobre todo contra AMI que sofre umha perseguição judicial e policial que poucos colectivos denunciam (lembrai a Operação Castinheiras ou sem ir mais longe o concerto que tivo lugar ontem na Nasa que se tentou censurar por todos os meios). Aqui entraria outro fenómeno que se está a dar no Estado espanhol (e na maioria dos estados de ocidente desde o começo da luta contra o terrorismo), que podemos debater se queredes, que é a judicialização da política. Desde logo já existem plataformas que estão a lutar por combatê-la, a través dos meios de

informação alternativos como é o Novas da Galiza, Galiza Livre ou Gz Videos, a través da visibilização e solidariedade com as vítimas desta política repressiva como Ceivar ou Movimento polos Direitos Civis, etc. A repressão que sofre o independentismo galego nom é casual, senom que a está a sofrer por ser dos poucos movimentos que questionam os valores hegemónicos e que actuam em conseqüência para muda-los.

(Democracia na Galiza: Pouca legitimização da modelo democrático aqui, baixa participação e caciquismo.)

Isto léva-me a falar da seguinte luta que se está a desenvolver na Galiza: **Contra o IMPERIALISMO**: isto entra em relação com a luta pola soberania dos povos, supostamente reconhecido no Direito Internacional, mas usado em função dos interesses das grandes potencias. Para o funcionamento do sistema político e do económico precisa-se da uniformização de consumidores para introduzir os produtos no tecido produtivo prévio e da construção dumha identidade nacional coesionada para melhorar o controlo da cidadania. (todos os estados precisam construir umha identidade nacional para consolidar a transmissão dos valores hegemónicos, nom existem seres desideologidos e sem identidade (como se pretende fazer crer – Cidadás do mundo e cousas polo estilo – iso nom é mais que umha falácia, as pessoas que nom identificam em si mesmas umha identidade e umha ideologia é porque assumirom a dominante).

Como sabemos com o avanço do processo de globalização, a ameaça da soberania dos povos e da sua identidade cultural foi em aumento. Também na Galiza, onde vemos reflectidos os efeitos do imperialismo cultural em diversos fenómenos como na perda de falantes do galego em quantidades sem precedentes, na perda de tradições e costumes que nos permitiam certa autonomia respeito do sistema e que agora há movimentos que pretendem recuperar: cultivos de subsistência, a desapareção do mercado dos nossos produtos, por exemplo, em vez de iogurtes galegos temos os Danone que estão muito melhor, mais sãos e ecológicos, sem nengumha dúvida.

A respeito disto, gostaria recomendar o livro de Carlos Diegues “Feminismo e Democracia”, onde o autor fai umha mui interessante análise da necessidade do reconhecimento das identidades diferenciadas para que exista umha verdadeira democracia (há que dizer que foi tirado por Estaleiro Editora, um projecto que trabalha no âmbito cultural e fai umha firme aposta pola cultura livre. Um outro mecanismo a través do qual se questiona a propriedade privada, neste caso a intelectual).

Voltando ao que dizia, o livro centra-se na necessidade de **reconhecimento das identidades**, centra-se na identidade de género, mas também pode ser aplicado às identidades culturais. Postula que sem um reconhecimento real dessas identidades todos os intentos de libertação vam ser um fracasso.

Isto fai-me entrar na terceira luta, mui importante para mim porque penso que vai supor o giro

realmente transformador da sociedade: o **FEMINISMO**. Som muitos os feminismos, mas aprofundando nos seus postulados podemos constatar que supom umha completa reconstrução dos valores hegemónicos (androcéntricos). A subordinação das mulheres precede ao capitalismo e subsiste ao socialismo porque os sistemas económicos nom determinam directamente as relações de género. Mas si que existe um relacionamento entre capitalismo e patriarcado, ambos os dous operam simultaneamente para reproduzirem as estruturas socioeconómicas dominadas polo varom.(a relação entre sexos actua de acordo e a través das estruturas socioeconómicas, como também a relação sexo/género).

O género é umha forma primaria de relações significantes de poder. Parece ser umha forma persistente para facilitar a significação do poder nas tradições ocidentais, judeu-cristá e islámica. O conceito de classe pode ser que conte com o de género no seu enunciado, mas na prática nom foi mais que pura retórica, senom observemos como os trabalhadores som descritos negativamente em termos codificados como femininos: subordinados, débis, explorados, em contraposição com o prestígio do homem com umha posição de classe operaria produtora, forte e protectora da sua família. No processo histórico específico os estereótipos de género fõrom reforçados na cultura da classe operaria.

A **oposição binária** e o processo social de género fam parte do significado do próprio poder; **questionar ou alterar qualquer dos seus aspectos ameaça à totalidade do sistema**. Neste sentido, vemos como a luta de muitas feministas questiona a totalidade do sistema como: Mulheres Transgredindo, as MNGs ou as Lerchas.

As mulheres jogamos um papel chave nas possibilidades de propostas como a soberania alimentar que entronca com o quarto aspecto que devemos ter em conta (e no qual vai aprofundar mais o meu companheiro): a importância da evidente crise ecológica do sistema está trazendo como consequência propostas mui interessantes dos movimentos **ECOLOGISTAS E DA DEFESA DO TERRITORIO**, constatando o feito de que o capitalismo só cria destruindo (já o dizia Schumpeter, que era liberal, nom é que o diga eu) e está a destrui-lo todo. Neste ponto, só dizer que movimentos como **Gz nom se Vende, Plataforma Galega Anti-transgénicos**, a Iniciativa pola **SOBERANIA ALIMENTAR** dos povos, parecem-me dos movimentos **mais interessantes** que existem actualmente por vários motivos dos que destacaria o saber organizar-se na heterogeneidade e horizontalidade e nom deixar de plantear as suas luitas na rua e nas instituições, além disto os desafios dos seus postulados afectam à totalidade do sistema.

(resaltar que em Lugo **a única associação** que mantém umha luta continuada e visível é na Defesa do Parque Rosalia, movimento que leva anos a trabalhar sem descanso).

Isto leva-nos a umha nova maneira de entender as alternativas ao modelo hegemónico. As pessoas que estamos aqui a falar temos diferentes visões de como enfocar a luta anti-capitalista. Estas podem entrar em contradição ou nom, mas há pontos em que podemos trabalhar em comum, isso com certeza. Sem desbotar o marxismo como umha ferramenta mui útil na análise e

como estratégia de libertaçom, penso que hoje nom avonda com mudar a máquina de maos, eu penso que é preciso parar a máquina. O desenvolvimento das forças produtivas nom fai mais que fortalecer ao capitalismo.

(Debate?: Muitas pessoas e movimentos fracassamos no nosso intento de desafiar o sistema porque actuamos sob directrizes dum modelo que nom se corresponde coa realidade. Por exemplo **nom podemos identificar as classes sociais como se fixo tradicionalmente, hoje em dia a classe trabalhadora está mais diluida.** Ainda que estão em auge outro tipo de consciência (que podemos denominar gremial) que pode voltar a construir consciência de classe.

Há pouco fum a umha apresentaçom dum livro de Miquel Amorós e gostaria trazer aqui o que comentava porque me parece que é algo ao que nos temos que enfrentar muitas vezes na luta política, dizia como muitas vezes partir dum modelo rígido resultava **imobilista** porque se a realidade nega o modelo, nom mudamos o nosso esquema, senom que negamos a realidade e nom fazemos nada porque como nom se ajusta ao nosso modelo. E nom há nada mais reaccionário que nom fazer nada.

Penso que por médio destas críticas (ao individualismo, ao patriarcado, à democracia liberal e às suas instituiçom, entre elas os partidos políticos, ao produtivismo e ao imperialismo) já se estão a fazer propostas do mundo que queremos: comunidade, feminismo, democracia radical, descrecimento e a libertaçom de todos os povos oprimidos, mas esta definiçom vai ir mudando a medida que vaim mudando as condiçom políticas, sociais e económicas, ou era o mesmo pensar na democracia há 40 anos, ou pensa-la agora? Baixo um conceito colhem muitas formas, por isso há que ter em conta toda esta heterogeneidade de reivindicaçom.

As sociedades som complexas, nom nos podemos explicar em funçom dumha única dimensom. Isto obriga a nos posicionar contra toda opressom. Por exemplo, nom podemos pensar só em termos de luta operaria sem comprometermos-nos com o **combate contra o imperialismo cultural** e a destruiçom da nossa cultura e do nosso idioma (direitos históricos, etc). O mesmo com a libertaçom das mulheres, a defesa da terra, do médio ambiente e da democracia radical.

Há muitos projectos trabalhando na construçom de alternativas em distintos campos: no feminismo: **mulheres transgredindo, as lerchas, as mng**, etc. Por os direitos políticos: **Ceivar, MpDC**, etc. Medios de informaçom alternativos: **Novas da Galiza, Galiza Livre**, etc. Polo software livre e cultura livre: Estaleiro Editora, A Regueifa Plataforma, radios livres como a Kalimera, etc. Pola Defesa da nossa Terra: **Galiza nom se Vende, Plataforma livre transgênicos**, massa crítica... pola soberania alimentar: o SLG, a MMM. E todos eles confluem nos **Centros Sociais** espaçom que se estão a criar na Galiza e que mantem na sua composiçom todos estes elementos que fum mencionando. Cada um tem a sua própria dinâmica, mas costumam **trabalhar dia a dia** na luta anti-capitalista, na criaçom de comunidade, na defesa da nossa lingua e da terra, visibilizaçom do reintegracionismo, contra o patriarcado, em contra da repressom, etc. Por isso é um fracasso que hoje nom estejam aqui mais centros sociais. A existência dos Centros Sociais é

umha conquista dum espaço no qual nom só se teoriza sobre umha possível alternativa, senom que se fai realidade. Neles há um mundo distinto, com outros valores.

O dito até agora pom de manifesto o viva que está a mobilizaçom política na Galiza, nom podemos procurar umha origem singela da opressom senom que devemos conceber os processos tam inter-relacionados que **nom podam desfazer-se os seus nós porque as relaçons de desigualdade estão dispersas**, como lhes chamava Foucault constituem-se discursivamente como “**campos de força sociais**”. **Temos a obriga de actuar em cada um desses campos a direcçom das alternativas nom tenhem que ir num só sentido.** ACTUAR AQUI E AGORA, nom só reunirmos num foro umha vez ao ano. Como di Taibo, os Foros nom devem substituir os movimentos sociais. O foro está bem, mas a política está na rua, temos que trabalha-la.